

MAB traz mundo fantástico de Escher

MUSEU DE ARTE DE BRASÍLIA ABRE TERÇA-FEIRA MOSTRA COM 114 OBRAS DE UM DOS MAIORES ARTISTAS GRÁFICOS DO SÉCULO

MARCO TÚLIO ALENCAR

O rigor científico aliado à fantasia, acrescido de uma vasta experiência no ofício da gravura e do desenho, transformou o holandês Mauritz Cornelis Escher (1898-1972) em um dos maiores artistas gráficos deste século. A partir desta terça-feira, o Museu de Arte de Brasília exibirá 114 obras deste mestre do detalhe, que trabalhou com precisão idéias de infinito e estruturas espaciais completamente impossíveis.

Escher desenvolveu minuciosamente suas obras gráficas, parte fruto da observação de paisagens e outra notadamente de influência matemática, como na multiplicidade e repetição de figuras de animais e outros seres fantásticos que preenchem todos os espaços de muitos dos seus quadros. A produção artística estará sendo mostrada em diferentes técnicas: gravuras em metal, xilo, litogravuras e linóleo. O acervo pertence à Fundação Escher da Holanda, que fez a seleção das obras expostas em cidades brasileiras (a mostra já passou por São Paulo e Rio e ainda vai a Curitiba).

Nascido em Leewarden, em 17 de junho de 1898, desde cedo, Escher revelou um talento logo reconhecido por seus pais, que queriam vê-lo estudando Ciências Exatas e tornando-se arquiteto. Na escola, entretanto, foi um aluno "fraco". Seus momentos de maior interesse eram as aulas de desenho, mas mesmo assim uma obra prescrita para os exames da disciplina não foi aprovada, mas já mostrava um desempenho acima da média.

Em 1919, Escher foi estudar na Escola de Arquitetura e Artes Decorativas, em Haarlem, onde conheceu Samuel Jesserun Mesquita (1868-1944), de origem portuguesa, que tornou-se o seu orientador nas técnicas de gravura artística. Mas, foi a mudança para a Itália (1923), onde viveu 12 anos, que impulsionou a sua carreira. Encantado pela paisagem, passou a reproduzi-la de maneira quase "fotográfica". O contato com o sul do país — uma região montanhosa para onde fez várias viagens — o fez descobrir as amplas perspectivas e a grande variedade de estruturas espaciais.

Fama — Enquanto viveu na Itália, Escher era ainda bastante desconhecido mesmo tendo realizado pequenas exposições e feito ilustrações para alguns livros. A partir de 1935, o fanatismo facista tornou insuportável a vida do artista no país e o fez mudar-se com a família para a Suíça. Nessa época, viajou diversas vezes à Espanha. Em Granada, passou a estudar e copiar intensivamente os ornamentos mouriscos de Alhambra. Também estudou os mosaicos da mesquita de Córdoba que serviram de base para a realização de trabalhos — parte de sua obra extraordinariamente original e revolucionária —, onde o fundamental é a divisão da superfície.

Em 1937, mudou-se para a Bélgica até que a guerra o fez voltar para a Holanda, onde se instalou a partir de 1941 para desenvolver a etapa mais importante de sua obra, apesar de ter realizado trabalhos de grande valor artístico nos países por onde passou. Mas, somente dez anos depois de seu retorno, Escher começou a ganhar fama internacional. Aliás, desde o início, os seus trabalhos — considerados altamente intelectuais e desprovidos de qualidades líricas — eram vistos com reserva no meio

artístico tradicional.

Esta visão mudou após o surgimento do movimento *De Stijl* — que defendia a simplicidade da abstração estritamente geométrica — e de outras correntes artísticas como o cubismo, o dadaísmo e o surrealismo. Foi a partir dos anos 50 que se percebeu a arte do mundo de Escher, impregnado de elementos que a tornam compreensível por qualquer espectador. Essa facilidade de comunicação com o público, que é facilmente transportado para um espaço misterioso e mágico, é um dos aspectos peculiares da obra do artista, que merece ser vista por todos nessa exposição.

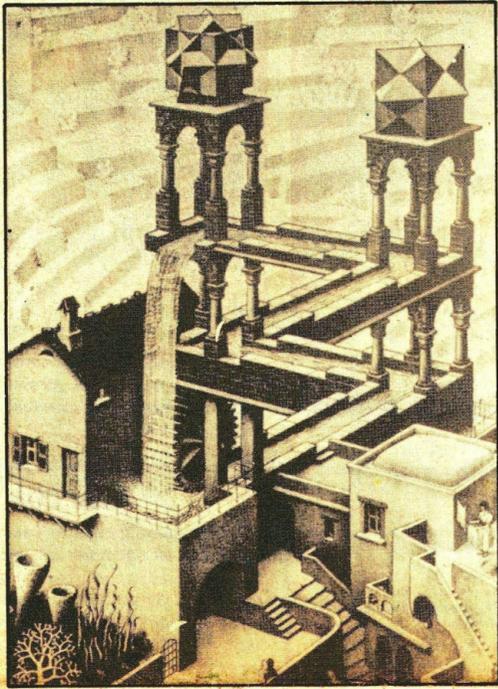
Paradoxo — A partir da mudança para o país onde nasceu, Escher passou a criar um mundo estranho, onírico, carregado de visões fantásticas. É nessa fase que se observa a influência da matemática na sua obra. Os trabalhos são preenchidos por figuras que se multiplicam num jogo perfeito de encaixes. Absorvido pelos seus próprios experimentos, os quadros, agora, tratam da alteração gradual de imagens, numa metamorfose que passa a habitar constantemente a obra do artista.

Outro aspecto dessa fase é a utilização de conceitos da cristalografia, como nos quadros coloridos preenchidos em toda a sua extensão. A utilização dessas idéias levou Escher a ser convidado a proferir palestras sobre percepção visual, simetria, visualização de teorias e estruturas abstratas ou elucidação de teorias ligadas à psicologia, química e geologia.

Escher também trabalhava, nos seus quadros, o conceito de infinito. "Não nos será mais fácil imaginar que algures, para além das estrelas mais distantes do céu noturno, existe o fim do espaço, uma fronteira para além da qual 'nada' existe", indagava. Esse conceito está presente, por exemplo, na obra *Formigas Vermelhas*, que está na mostra. A litogravura, datada de 1963, mostra os insetos passando sobre uma fita e sempre voltando ao mesmo local, num percurso sem fim.

Além da preocupação com a realidade e com a fantasia, Escher também era interessado pelas técnicas gráficas, tendo escolhido justamente a gravura como meio de expressão por permitir a multiplicação das obras. Mas, são as muitas "impossibilidades espaciais" de Escher que chamam mais atenção, como em *Cascata* (1966), onde nos deparamos com um paradoxo: a roda do moinho faz a água descer ou subir através das canaletas do prédio.

Além da preocupação com a realidade e com a fantasia, Escher também era interessado pelas técnicas gráficas, tendo escolhido justamente a gravura como meio de expressão por permitir a multiplicação das obras. Mas, são as muitas "impossibilidades espaciais" de Escher que chamam mais atenção, como em *Cascata* (1966), onde nos deparamos com um paradoxo: a roda do moinho faz a água descer ou subir através das canaletas do prédio.



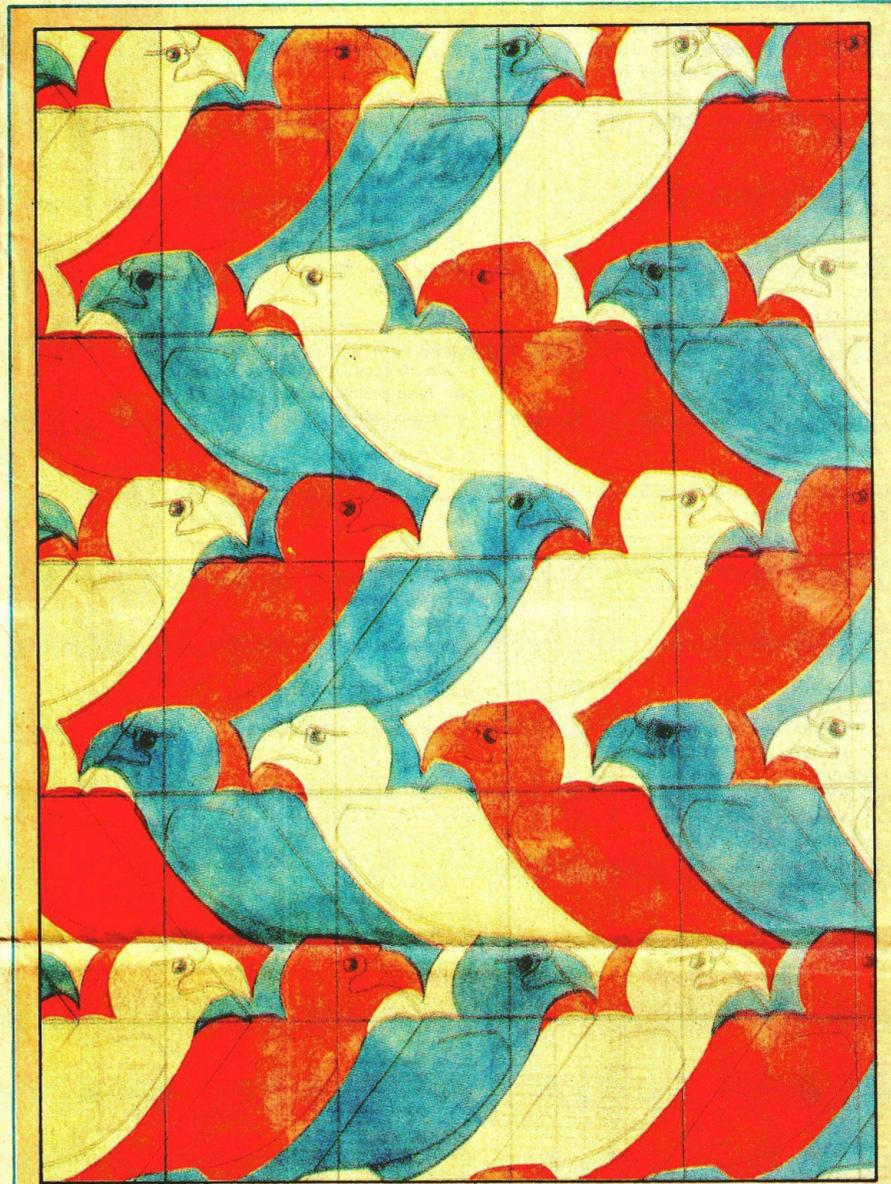
Cascata/litogravura (1961)



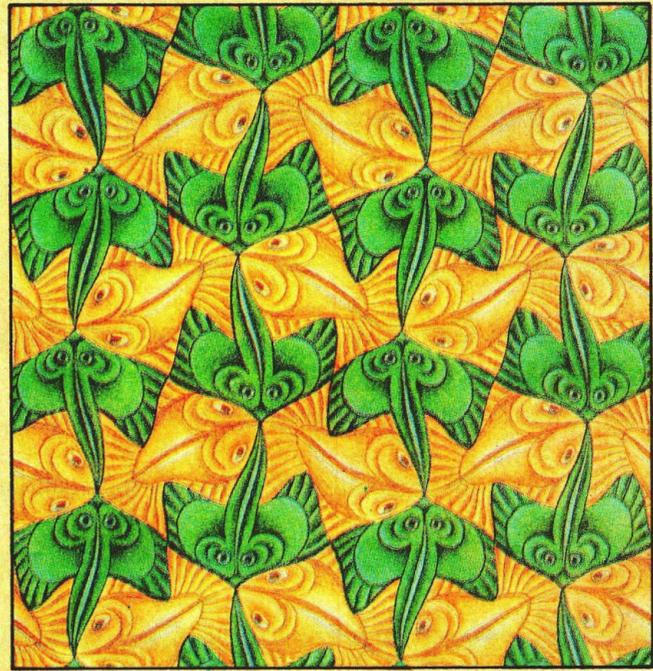
Sem Título/nanquim, lápis aquarela (1926/27)



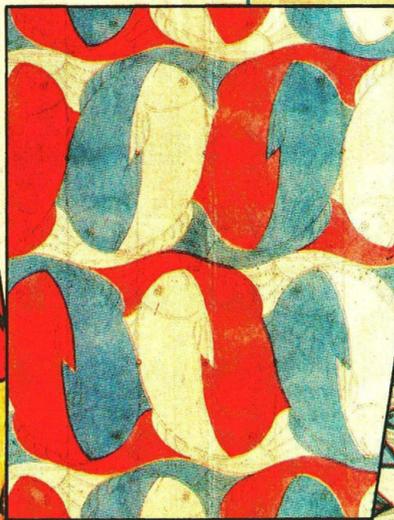
Sem Título/lápis de cor e aquarela (1950)



Sem Título/lápis e aquarela (1938)



Sem Título nanquim, lápis, aquarela (1937/38)



Sem Título/nanquim, lápis de cor, aquarela (1938)



Sem Título/nanquim, lápis de cor aquarela (1942)

■ M.C. Escher — Exposição de 114 trabalhos (gravuras e reproduções fotográficas de aquarelas) do artista gráfico holandês. Até o dia 9 de janeiro, no Museu de Arte de Brasília. Abertura, na próxima terça-feira, às 19h00.